

Área Temática: Estudos Organizacionais - Simbolismos, Culturas e Identidades Organizacionais

Estudo Observacional da Filosofia Maquiavelista Disseminada Pelo Filme *O Poderoso Chefão*

AUTORAS

MICHELLE DO CARMO SOBREIRA

Universidade de Fortaleza
michellesobreira@gmail.com

JOYCE DA SILVA ALBUQUERQUE

Faculdade Piauiense - Piauí
joycea_20@hotmail.com

MÁRCIA LOPES CARDOSO

Universidade de Fortaleza
marcia_minnie@yahoo.com.br

ROSÂNGELA QUEIROZ SOUZA VALDEVINO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
rosangelaqueiroz84@yahoo.com.br

FÁTIMA REGINA NEY MATOS

Universidade de Fortaleza
fneymatos@globo.com

Resumo

O cinema pode constituir um *link* entre teoria e prática como método de ensino-aprendizagem. Segundo Fernandes (2007), diversas correntes filosóficas podem ser identificadas como fios condutores de algumas obras cinematográficas. Essa prática permite que se apresente e sugira ideias para estudiosos ou principiantes em determinada corrente filosófica, incentivando os estudos filosóficos de uma maneira mais simples e lúdica. Analisou-se, portanto, a relação entre o filme “O Poderoso Chefão” (1972) e a obra “O Príncipe”, de Maquiavel (1998), objetivando-se avaliar os personagens principais do filme segundo uma escala maquiavelista, criada por Dahling et al. (2007), e verificar se a obra cinematográfica serve como uma ferramenta de propagação da obra de Maquiavel. Esta pesquisa tem caráter qualitativo descritivo, utilizando o método observacional não comportamental estruturado indireto para análise (COOPER; SCHINDLER, 2003). Concluiu-se que o filme “O Poderoso Chefão” apresenta uma clara manifestação dos preceitos de Maquiavel, apresentando personagens e organização maquiavelistas. No caso do personagem Michael Corleone, inclusive, determinadas características foram desenvolvidas ao longo da história, em resposta ao contexto. O filme também quebra paradigmas ao conquistar a simpatia dos espectadores devido ao forte carisma dos personagens, dirimindo os aspectos negativos observados na obra de Maquiavel e ajudando a propagá-la.

Palavras chave: Maquiavel. O Poderoso Chefão. Estudo Observacional.

Abstract

The movies may constitute a link between theory and practice as a teaching and learning method. According to Fernandes (2007), various philosophical currents can be identified conducting some cinematographic works. This practice allows the presentation and suggestions of ideas for beginners or experts in a particular philosophical movement, encouraging philosophical studies in a more simple and playful way. Therefore, the relationship between the movie "The Godfather" (1972) and "The Prince" by Machiavelli (1998) was analyzed, aiming to rate the film's main characters on a machiavellian scale created by Dahling et al. (2007), and verify that the film serves as a tool for spreading the work of Machiavelli. This research is descriptive qualitative, using the observational method for indirect non-structured behavioral for analysis (COOPER; SCHINDLER, 2003). It was concluded that the film "The Godfather" presents a clear manifestation of the Machiavelli precepts, featuring machiavellian characters and organization. In the case of the character Michael Corleone, certain features have been developed throughout the plot in response to the context. The film also breaks paradigms attracting the sympathy of the viewers due to the strong characters charisma, settling down the negative aspects observed in the Machiavelli's work and helping to propagate it.

Keywords: Machiavelli. The Godfather. Observational Study.

1 Introdução

Pode-se afirmar que o cinema pode funcionar como uma alegoria ou metáfora (FERNANDES, 2007), tornando-se um forte disseminador de ideias e ideologias, além de contar histórias que podem estar inseridas ou não no cotidiano dos telespectadores. Deste modo, os filmes podem constituir um *link* entre constructos teóricos e a prática, tornando-se um bom método de ensino e aprendizagem (MATOS et al., 2011).

Segundo Fernandes (2007), diversas correntes filosóficas, das mais diferentes épocas, podem ser identificadas como fios condutores de algumas obras cinematográficas, como Platão, Descartes, Sartre e Maquiavel. Essa prática permite que se apresente e sugira ideias para principiantes na corrente, estudiosos e até mesmo curiosos sobre o tema, incentivando os estudos filosóficos de uma maneira mais simples e lúdica.

No caso deste artigo, analisar-se-á o filme “O Poderoso Chefão” (*The Godfather*), obra de 1972 que se tornou um clássico cinematográfico e não perdeu seu vigor após 40 anos de existência, completados em 2012 (G1, 2012), com base na obra “O Príncipe”, de Maquiavel. “O Poderoso Chefão” é um filme dirigido por Francis Ford Coppola e baseado no *best-seller* homônimo de Mário Puzo, sendo um verdadeiro fenômeno cultural e altamente rentável (LIVRARIA FOLHA, 2012). O filme conta a história de Don Vito Corleone, líder de uma família mafiosa de origem italiana em Nova Iorque. O poder demonstrado por Don Corleone e as relações com as demais famílias e criminosos geram uma série de acontecimentos e demandam decisões que podem ser cruzadas com a obra de Maquiavel, permitindo o surgimento de reflexões filosóficas a serem apresentadas.

Observa-se, de acordo com Fernandes (2007), que a maioria dos filmes apresentam as características maquiavélicas como inerentes a antagonistas, no papel de líderes tiranos, ditadores, todos marginalizados do papel de herói, não sendo um problema maquiavélico. Já com relação ao “O Poderoso Chefão”, o autor ainda afirma que o filme é passível desse estudo porque os personagens principais são anti-heróis, ou seja, tomam atitudes nem sempre éticas e que fogem a moral, embora justificadas pelos fins perseguidos, ganhando o apoio do público em geral (MAQUIAVEL, 1998). Além disso, o filme evidencia relações familiares, jogos de poder, “a maneira como a razão e a força são utilizadas para que não haja sorte que atrapalhe os negócios da máfia” (FERNANDES, 2007; p.112), ou seja, fatores que podem remeter a conceitos filosóficos que destaquem a obra de Maquiavel.

Para realizar esse paralelo, foi utilizado o método observacional, considerado ideal para a análise de recursos estéticos como um filme cinematográfico, pois detalha como se realiza a coleta de dados visuais, auditivos, olfativos e táteis (COOPER; SCHINDLER, 2003). De acordo com Matos (2011), tais recursos estéticos (filmes, romances, músicas, fotografias etc) estão sendo cada vez mais utilizados como método confiável para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Cooper e Schindler (2003) afirmam também que pode ser considerada uma forma de observação indireta, já que o observador não estava fisicamente presente, fazendo com que a observação seja menos tendenciosa e acurada.

Com base no que foi dito, pergunta-se: quais elementos da obra cinematográfica “O Poderoso Chefão”, de Francis Ford Coppola, a tornam uma bem sucedida tradução dos valores maquiavélicos para a sociedade moderna? Como objetivo geral da pesquisa, busca-se avaliar os personagens principais (Vito e Michel Corleone) do filme segundo uma escala maquiavelista, bem como verificar se a obra cinematográfica serve como uma ferramenta de propagação da obra de Maquiavel.

Considera-se a pesquisa relevante porque Maquiavel, autor de “O Príncipe”, é bastante lembrado pela crueza de suas colocações filosóficas – que deram origem ao adjetivo “maquiavélico”, mas que podem ser adequadas a diversos momentos históricos conhecidos e promover fortes reflexões sociais. Já o filme “O Poderoso Chefão”, por sua vez, é uma obra

bastante aclamada que está completando 40 anos de lançamento em 2012 sem perder seu apelo junto ao público, ou seja, uma obra de impacto por toda influência demonstrada até hoje à sociedade atual. Ao mesmo tempo, observa-se um fortalecimento dos estudos de caráter observacional como bom recurso de ensino por parte dos acadêmicos. Acredita-se, desta forma, que a união desses três elementos dará origem a uma pesquisa com força suficiente para disseminar reflexões sobre a ideologia de Maquiavel na sociedade moderna, reacendendo discussões e gerando conhecimento.

2 Reflexões sobre o poder

“Mandar e obedecer são condições não somente inevitáveis, mas também convenientes”, disse uma vez Aristóteles (1988, p.119). A questão do poder ultrapassa a teoria, pois faz parte das experiências humanas (FOUCAULT, 1995). Existem, portanto, diversos estudos sobre o poder, abordando diferentes visões, dos quais alguns serão caracterizados nesta seção. Hardy e Clegg (1998) afirmam, por exemplo, que Marx e Weber podem ser considerados trabalhos-chaves, embora dicotômicos, para o desenvolvimento teórico do poder ao longo do tempo.

Durante muito tempo, foram realizados trabalhos de concepção negativista, baseados em Marx, que inferiam, por exemplo, que o poder é a habilidade de obrigar os outros a fazerem coisas mesmo contra a sua vontade ou que não fariam em outra situação (DAHL, 1957). Existe ainda a afirmação de que o ser humano possui desejo de poder naturalmente, o que faz criar um estado de tensão permanente, afinal, o poder tem como um dos principais objetivos reproduzir os interesses das classes dominantes, aplicado às relações de produção (HOBBS, 1988; MARX, 1976). Marx (1976) afirma, ainda, que os interesses de classes são pré-determinados, ou seja, as relações são fixas e previsíveis, culminando sempre na luta de classes.

Por outro lado, existem aqueles que abordam uma concepção mais positiva do poder, como Weber, que afirmou que, embora o poder pudesse derivar também da propriedade e controles dos meios de produção, não se reduzia exclusivamente a essas relações, contrariando as afirmações determinísticas de Marx (1976). Weber (1991) afirma ainda que, a partir do momento em que uma pessoa tenha um conhecimento específico, ela pode usá-lo como fonte de poder com relação a quem necessita desse conhecimento, utilizando sua criatividade e discernimento. Já Foucault (1979), disse que o poder é exercido pelo indivíduo, independente de sua posição social, ou seja, ele pode utilizar de estratégias para modificar a relação de dominação na qual está envolvido, dentro ou não de uma organização.

Nas organizações, o poder relaciona-se diretamente à estrutura hierárquica dos cargos e reciprocidade das relações (HARDY, CLEGG; 1998), sendo classificado como “legítimo” e visto com normalidade por todos os envolvidos na organização. Entretanto, Hardy e Clegg (1988) ressaltam ainda a existência do poder ilegítimo nas organizações, exercido fora das estruturas hierárquicas, nas relações informais ou em outras situações específicas.

Uma forma de poder que pode ser observada é daqueles que possuem tarefas mais essenciais do que outras, mas que se relacionam entre si. Assim, aqueles com conhecimento único possuem maior poder (inclusive de barganha) sobre aqueles que dependem desse conhecimento, mesmo fora das organizações (THOMPSON, 1956). Em alguns desses casos, uma pessoa que detém esse poder pode desafiar a autoridade daqueles com poder legítimo.

Em paralelo, houve estudos, derivados de Weber, que questionam a não resistência dos subordinados e consentimento à própria subordinação (HARDY, CLEGG; 1988), contrariando a predição de Marx que previra que atos de resistência como consequência natural à exploração das classes. Isso ocorre por vários motivos, como, por exemplo, o processo decisório ser mantido na alta administração; manipulação da percepção dos

subordinados, que não conseguem ver a possibilidade de resistência; ou pelo cerceamento organizacional, ou seja, privação do cultivo do conhecimento, visando a alienação (BACHRACK, BARATZ, 1970; LUKES, 1974; MANN, 1986).

Pode-se afirmar, portanto, que o poder é algo difícil de ser definido precisamente. Falcon (1998), por exemplo, pontua que definir o poder “sem reconhecer os condicionamentos da produção historiográfica seria negar o fato de que o conhecimento histórico, em sua íntima relação com o poder, converte-se frequentemente de agente instrumentalizador em objeto da oficina da história”. Ou seja, a história, como “filha de seu tempo”, produziu diversos conceitos de poder.

3 A corrente filosófica de Maquiavel

Maquiavel foi um dos mais originais pensadores da Época Moderna, inovador em seu entendimento da política e que influenciou gerações de pensadores de diversas áreas de conhecimento. A obra “O Príncipe” foi completamente escrita em 1513, apesar de publicado postumamente, em 1532. As análises que constam nela revolucionaram a teoria política da época, pois contém ensinamentos políticos de como um príncipe deve governar e quais as estratégias que deve usar para manter o seu Estado (MAQUIAVEL, 1996), que são controversos até hoje.

O ideal de Maquiavel (1996) consiste, portanto, na criação de um Estado independente pela mão de um príncipe capaz de dar a essa sua criação uma constituição republicana passível de lhe garantir a estabilidade. Nesse sentido, pode-se dizer que “O Príncipe” trata de como criar um novo Estado e identifica o príncipe como o único sujeito capaz dessa tarefa (PINZANI, 2004).

De acordo com Pedron (2006), sua teoria se concentra na exposição das técnicas sobre o domínio político, sem a preocupação imediata em explicar a origem da legitimidade desse poder, ou mesmo da própria sociedade. Ressalta-se, entretanto, que fato de Maquiavel ter se servido da figura de Bórgia, governante severo, como exemplo histórico de “príncipe”, parece ter sido a principal causa de sua má-fama – ainda assim, tal leitura reduz o pensamento do autor quase a uma caricatura (PEDRON 2006).

Segundo Bignotto (2003), ao elogiar, por exemplo, a habilidade com a qual César Bórgia havia se livrado de seus inimigos, Maquiavel incorria no perigo de se transformar em um defensor da prática de crueldades, que inclusive ameaçavam se voltar contra Florença. O que ele percebia, no entanto, era não que a crueldade fosse boa em si mesma, mas que a simples condenação dos atos dos governantes não ajudava nem a compreendê-los, nem a evitar seus efeitos.

Desta feita, o primeiro grande tema a ser enfrentado por Maquiavel será o “príncipe novo”, no qual ele se propõe a estudar qual deve ser o comportamento de um príncipe que ocupa um novo território – algo muito comum na política (BIGNOTTO, 2003). Todavia, ainda de acordo com Bignotto (2003, p.18), percebe-se que “o simples fato de se ganhar uma guerra não signifique uma automática estabilidade político-social. Esse príncipe vitorioso não pode simplesmente confiar na força de suas armas, a administração de uma cidade se mostra muito mais complexa e rica em focos de conflitos permanentes”. O objetivo, então, da obra nesse ponto é traçar um retrato das adversidades que os príncipes têm e como a melhor forma de enfrentá-las.

Maquiavel (2006) postula ainda duas principais vias pelas quais se adquire um principado – pelo exercício da *virtú* ou pelo dom da fortuna. Segundo o autor, o carisma da *virtú* é próprio daquele que se conforma à natureza de seu tempo, apreender-lhe o sentido e se capacita a realizar praticamente a necessidade das circunstâncias, isto é, dos momentos propícios fornecidos pela fortuna. Fala-se também da importância do príncipe em ser amigo

do povo, fundamental para a consolidação do Estado, antecipando posteriormente o conceito conhecido como a “luta de classes”.

Maquiavel (2006) afirma ainda que a moralidade e a religião diferem da política, mas são instrumentos dela. Entretanto, ao que parece, Maquiavel pretende estabelecer uma certa autonomia da política.

Por preconizar a astúcia ante a ética, Maquiavel foi, durante muito tempo, visto como o teórico do despotismo, da tirania e da perfídia, ao que responde ao ser desta acusado: “se ensinei aos Príncipes de que modo se estabelece a tirania, ao mesmo tempo mostrei ao povo os meios para dela se defender” (EIDE, 1986, p.49).

Partindo de outro prisma, pode-se também fazer um paralelo entre as imagens sociais dos políticos que possuem uma *virtú líquida* e dos que possuem uma *virtú sólida*. Bauman (2001) relata que a extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à idéia de ‘leveza’. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas tendemos a vê-los como mais leves, menos ‘pesados’ que qualquer sólido (BAUMAN, 2001).

Contudo, a forma como a *virtú* seria colocada em prática em nome do bom governo deveria passar ao largo dos valores cristãos, da moral social vigente, dada a incompatibilidade entre esses valores e a política segundo Maquiavel.

Para Maquiavel, não cabe nesta imagem a idéia da virtude cristã que prega uma bondade angelical alcançada pela libertação das tentações terrenas, sempre à espera de recompensas no céu. Ao contrário, o poder, a honra e a glória, típicas tentações mundanas, são bens perseguidos e valorizados. O homem de *virtú* pode consegui-los e por eles luta (WELFFORT, 2006, p. 22).

Assim, a interpretação maquiaveliana da esfera política foi que permitiu surgir idéia de que “os fins justificam os meios”, embora não se possa atribuir literalmente essa frase a Maquiavel. Além disso, fez surgir no imaginário e no senso comum a idéia de que Maquiavel seria alguém articulado e sem escrúpulo, dando origem à expressão “maquiavélico” para designar algo ou alguém dotado de certa maldade, frio e calculista (WELFFORT, 2006).

A originalidade de Maquiavel estaria em grande parte na forma como lidou com essa questão moral e política, trazendo outra visão ao exercício do poder outrora sacralizado por valores defendidos pela Igreja. Considerado um dos pais da Ciência Política, sua obra, já no século XVI, tratava de questões que ainda hoje se fazem importantes, a exemplo da legitimação do poder (WELFFORT, 2006).

Bobbio (2000) comenta que o critério para distinguir a boa política da má é o seu êxito. O êxito é medido pela capacidade de manter o estado em estabilidade. Assim, para Maquiavel, bem é aquele que embora tenha conquistado o poder por meios criminosos consegue depois mantê-los. A teoria dos ciclos confirma a concepção essencialmente naturalista que Maquiavel tem da história.

Maquiavel é muito importante para ajudar compreender a política no mundo contemporâneo, analisando a obra na realidade atualmente, é só acrescentar o bem comum como premissa principal que todas as contradições se tornam paleativas. A existência do estado soberano é importante para a segurança da população, para um bom andamento da conjuntura política. Sabe-se que todo bom político deve ter astúcia para aproveitar as oportunidades da melhor forma, contanto que seja em favor do bem comum (BOBBIO, 2000; MOREIRA, 1981).

Moreira (1981) pontua que Maquiavel nos ensinou a observar com mais clareza a realidade, a enxergar o essencial atrás de meras aparências, a reconhecer que política é, antes de tudo, exercício de escolha. Exortou-nos a não abandonar a esperança nos momentos de

crise e nunca deixar de testar nossas convicções pré-concebidas. Construiu a ponte moderna entre pensamento e ação.

4 Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo descritivo, utilizando o método observacional não comportamental estruturado indireto para análise (COOPER; SCHINDLER, 2003). Foram feitas coletas de dados secundários em revistas, anais e livros – em particular a obra “O Príncipe”, de Maquiavel (1998), de modo a fundamentar a construção lógica da pesquisa. Todo o processo teve duração de um mês e meio (março e início de abril de 2012).

À respeito do método observacional, sabe-se que muito do conhecimento humano surgiu da observação, mas de maneira displicente e natural. Entretanto, quando a observação é utilizada deliberadamente como método científico, pode prover grandes contribuições para a ciência (COOPER; SCHINDLER, 2003).

Muitos acadêmicos ainda possuem uma visão limitada do método, de acordo com Cooper e Schindler (2003), ignorando o potencial das observações para tomadas de decisão e estudos aprofundados. Ressalta-se que os dados de coleta dessa metodologia podem ser visual, auditivo, tátil ou olfativo, sendo, no caso desta pesquisa, feita por meio de recurso audiovisual com o filme “O Poderoso Chefão”, de Coppola (1972). O processo para emprego do método observacional seguiu a sequência indicada por Cooper e Schindler (2003) para estudos estruturados, com lista de verificação.

Para criar a lista de verificação, tomou-se como base parte do artigo de Dahling et al. (2009), que trata do desenvolvimento e validação de uma nova escala maquiavelista, ou seja, uma escala que visa mensurar o nível de maquiavelismo de uma pessoa ou organização. Tal estudo afirma que, embora tenda-se a considerar o maquiavelismo como características inerentes a uma pessoa, ele também pode ser usado para adjetivar uma organização. As escalas apresentadas pelo estudo são: (1) amoralidade, (2) desejo de controle, (3) desejo de *status* e (4) desconfiança dos outros. Para validar essa escala, Dahling et al. (2009) aplicaram um questionário em 167 estudantes empregados em uma grande Universidade do meio oeste norte-americano, onde eles teriam de se avaliar sua personalidade com base em uma lista de 45 afirmações (sub escalas) que poderiam caracterizar um comportamento maquiavélico.

Desta forma, este estudo utilizou a lista de sub escalas do questionário aplicado por Dahling et al. (2009) para servir como lista de verificação para o estudo observacional e avaliar os dois personagens principais do filme em questão, Don Vito Corleone (líder da família) e Michael Corleone (filho e sucessor). Cada frase do *checklist* que condiz com um comportamento maquiavélico vale um (1) ponto, aquelas que possuem sentido inverso ao pensamento maquiavélico valem menos um (-1) ponto e aquelas que não se aplicam, zero. Para montar um índice, dividiu-se a soma das pontuações recebidas por personagem pelo total máximo possível de comportamento maquiavelista.

No caso de Michael Corleone, o personagem foi avaliado duas vezes: no início do filme, quando não queria envolver-se com a Família e ao final do filme, quando sucede seu pai no posto de Don e líder da Família. Desta forma, verificou-se, descritivamente, o nível de maquiavelismo de ambos os momentos do personagem, justificado pelos acontecimentos do filme, observacionalmente.

Além disso, foi feita uma avaliação da Família Corleone como uma organização maquiavelista, considerando o comportamento geral dos seus componentes, utilizando como base as características maquiavelistas organizacionais do estudo de Dahling et al. (2009), à saber: (1) liderança, (2) oportunismo econômico, (3) deserção, (4) roubo, (5) táticas de influência, (6) satisfação no trabalho, (7) escolha ocupacional e (8) comportamentos de ajuda.

Para o estudo observacional, o filme foi assistido cinco vezes (a primeira para contextualização geral e as quatro restantes para observação minuciosa).

5 O Estudo Observacional

A história do filme “O Poderoso Chefão” conta a história da Família Corleone de 1945 até 1955, que é uma das cinco poderosas famílias de mafiosos existentes em Nova Iorque e arredores. O chefe da família é Don Vito Corleone, italiano radicado na América, que é casado e possui quatro filhos: Sonny (primogênito e sucessor de gênio forte), Fredo (mimado, fraco e covarde), Michael (o único que não queria se envolver com a Família e preferido do pai) e a caçula Connie.

O enredo inicia-se no casamento de Connie Corleone, momento no qual os principais personagens da trama são apresentados. Don Corleone utiliza o casamento de sua filha para receber amigos que precisam de favores, que chegam um após outro. Já no primeiro momento, o filme demonstra o poder inerente à figura de Don: uma pessoa com fortes contatos, grande status social e que imprime temor a quem lhe dirige a palavra. A perfeita posição do príncipe, descrita por Maquiavel. Paradoxalmente, Don Corleone mostra-se extremamente educado, escutando a todos com atenção e sendo afável mesmo quando realiza uma crítica, embora seja bastante intimidador e adepto de ameaças tácitas.

No mesmo momento, apresenta-se o filho homem mais novo, Michael, conhecido por não querer se envolver com os negócios escusos da Família, mas que, ao final do filme, sucede seu pai, pois seu irmão mais velho que seria o sucessor morre e o outro irmão era fraco demais para assumir o posto. No começo do filme, Michael Corleone se recusa a fazer parte da família, falando, inclusive para sua namorada, Kay: “Essa é minha família, não sou eu”. Entretanto, após seu pai sofrer um atentado na guerra entre as Famílias e quase morrer, uma transformação passa a operar em Michael, movida, inicialmente, pelo espírito de vingança contra Sollozzo e Cap. McCluskey, principais responsáveis pelo atentado ao seu pai.

O filme deixa bastante claro o momento exato em que essa transformação passa a ocorrer, que é quando os membros da Família, liderados por Sonny Corleone, discutem sobre o que irão fazer sobre o atentado contra o Don. Enquanto eles discutem, a câmera aproxima-se lentamente do rosto de Michael, ilustrando claramente o pensamento formando-se em sua cabeça: matar Sollozzo e McCluskey.

Com o passar do filme e o desenrolar da guerra entre as Famílias, vê-se que os preceitos de Michael ficam cada vez mais parecidos com os de Vito Corleone, culminando no momento em que toma o lugar do pai, após a sua morte. Entretanto, apesar do seu poder ser considerado legítimo, como sucessor, ele somente é validado por seus subordinados quando Michael assassina todos os membros traidores de sua Família e ameaças, conquistando o respeito e, sobretudo, o temor de todos, que passam a tratá-lo como verdadeiro Don Corleone. Com isso, Michael toma o lugar de “príncipe”, poderoso, estratégico e temido, assumindo o mais importante papel da Família.

Tendo em vista esse enredo, a análise da escala maquiavelista dos personagens será feita por subescala, dispostas em tabelas, considerando Don Corleone, Michael Corleone (começo do filme) e Don Michael Corleone (após a morte do pai). A Tabela 1 trata da subescala Amoralidade.

Como se pode observar na Tabela 1, Don Vito Corleone possui uma escala de maquiavelismo maior que o seu filho quando assumiu seu posto. Pode-se verificar, em diversos momentos do filme, que Vito Corleone leva a sério o fato de ser chamado de Padrinho pelas outras pessoas, fazendo-lhe favores, quase sempre ilícitos, em troca de favores futuros.

Menciona-se o favor a seu sobrinho Johnny Fontaine, famoso cantor, que quer fazer parte de um filme de Hollywood que começará a ser gravado em duas semanas. Don Corleone, ao ser questionado sobre a impossibilidade de conseguir isso junto ao produtor do filme, afirma, eufemisticamente: “Farei uma proposta irrecusável”. Depois de uma negativa do produtor, o mesmo acorda com a cabeça de seu mais precioso cavalo decepada sobre sua cama. O filme é repleto de exemplos nesse sentido, principalmente porque a máfia da Família Corleone gira em torno de jogos e fraudes, bem como favores políticos.

Tabela 1 – Avaliação do nível de Amoralidade dos personagens

Subescala AMORALIDADE			
Itens para Escala de Personalidade Maquiavélica	Don Vito Corleone	Michael Corleone (início)	Don Michael Corleone
1. Eu sempre deixo as pessoas saberem minhas intenções sinceras antes de agir.(R)	0	-1	0
2. Sei como melhor me apresentar de forma a ser visto do jeito que quero ser visto.	1	0	1
3. Acredito que mentir é necessário para manter vantagem competitiva sobre os outros.	1	0	1
4. Consigo ser encantador quando preciso.	1	1	0
5. Tenho talento em lisonjear pessoas poderosas.	1	0	1
6. Não há desculpas para desapontar outra pessoa. (R)	-1	-1	-1
7. Só presto atenção realmente no que os outros dizem para descobrir se eles sabem algo que pode me afetar.	0	0	0
8. A única boa razão para falar com os outros é conseguir informações que possa utilizar em benefício próprio.	0	0	0
9. Não tenho problemas em ser antiético desde que isso me ajude a ter sucesso.	1	0	1
10. Não tenho problemas em sabotar os esforços de outras pessoas se elas ameaçam meus objetivos.	1	0	1
11. Trapaceio quando a chance de ser pego é pequena.	0	0	0
12. Não violarei meus padrões morais para air a diante.(R)	0	-1	0
13. Concordo com o provérbio “Trapaceiros nunca vencem”. (R)	0	0	0
14. É fácil tirar proveito de pessoas que sempre seguem as regras.	1	0	1
TOTAL DE AMORALIDADE	6	-2	5
Índice	0,54	-0,18	0,45

Fonte: Dahling et al. (2009) e Dados da Pesquisa (2012). (R) = Item de pontuação reversa (negativa).

Vê-se que Michael, por sua vez, tinha alto nível de moralidade ao começo do filme, com pontuação negativa na escala maquiavelista. Entretanto, ao final do filme, quase alcança o nível de amoralidade de seu pai, não o conseguindo porque não consegue “ser encantador quando preciso”, arte que seu pai dominava totalmente.

Um ponto que chama atenção é o fato de os dois personagens, em vários momentos, mostrarem-se adeptos da categoria “Não há desculpas para desapontar outra pessoa”, desde que essa pessoa seja da Família. A palavra dada era sempre cumprida, a não ser quando se referia aos inimigos das outras famílias. Quebrar promessas não era uma característica da Família Corleone, que prezava bastante seu conceito de honra e que foi apreciado pelo público do filme em geral.

A Tabela 2 demonstra as características referentes à subescala “desejo de controle”. Desejo de Controle foi a única das subescalas cujo Don Vito atingiu 100% dos itens de escala maquiavelista, enquanto Don Michael atingiu 0,89. Michael, no início, não pontuou. Esse índice faz sentido porque, para governar um Estado, um principado ou uma Família, faz-se necessário um alto nível de controle por parte do “príncipe”, de acordo com Maquiavel. A

Família Corleone, no caso, era altamente centralizadora na figura do Don, que tomava todas as grandes decisões.

Observou-se que Don Corleone, veterano, possui bastante confiança no seu nível de controle. Em nenhum momento ele cogita ser desobedecido, retrucado ou interrompido, pleno em sua posição. Inclusive, em dado momento, quando seu filho Sonny o interrompe para tentar fechar negócios com narcóticos contra a vontade do pai, basta as demais pessoas saírem para que Vito o estapeie e diga para jamais interrompê-lo novamente.

Em outro momento, Don Corleone visa buscar a paz entre as famílias após o assassinato do seu filho Sonny. Tentando conseguir a paz, chega a representar o perdão ao assassino de seu filho, fingir que não se importa mais, desde que se tenha paz. Chega ao cúmulo de abraçar e beijar seu inimigo, visando encontrar o que deseja: a paz entre as famílias. Vito possui maior nível de Desejo de Controle na escala maquiavelista que seu filho, que também possui um alto índice.

Tabela 2 – Avaliação do nível de Desejo de Controle dos personagens

Subescala DESEJO DE CONTROLE			
Itens para Escala de Personalidade Maquiavélica	Don Vito Corleone	Michael Corleone (início)	Don Michael Corleone
1. Acho que medo e ameaças às vezes são necessarias para motivar as pessoas a fazerem o que eu quero.	1	0	1
2. Gosto de dar ordens em situações interpessoais.	1	0	1
3. Falar o que as pessoas querem ouvir é uma boa maneira de controlar os outros.	1	0	1
4. Gosto de ter controle sobre as outras pessoas.	1	0	1
5. Se a situação pede, não me importo em representar um papel a fim de levar as pessoas a fazerem o que eu quero.	1	0	1
6. O que acontece comigo influencia bastante outras pessoas.	1	1	1
7. Sucesso depende normalmente de agradar outras pessoas.	1	0	0
8. As ações de outras pessoas constantemente influenciam minhas chances de sucesso.	1	0	1
9. Controlo o curso de acontecimentos da minha vida. (R)	0	-1	0
10. Gosto de ser capaz de controlar a situação.	1	1	1
11. Eu determino o que acontece na minha vida. (R)	0	-1	0
TOTAL DE DESEJO DE CONTROLE	9	0	8
Índice	1	0	0,89

Fonte: Dahling et al. (2009) e Dados da Pesquisa (2012). (R) = Item de pontuação reversa (negativa).

Já Michael, que demonstrava nenhum desejo de controle no começo, passou a demonstrá-lo ainda no hospital com seu pai, quando comandou uma enfermeira e um amigo de seu pai em uma tática para impedir outro atentado contra seu pai. Entretanto, o desejo de controle realmente se torna visível quando vai para a Itália, fugindo após o assassinar Sollozzo e McCluskey. Lá, seu porte muda, anda com a cabeça mais erguida e fala com as pessoas em tom de superioridade – começa a tornar-se o reflexo de seu pai, preparando-se inconscientemente para a sucessão da Família. Até mesmo para pedir a mão da jovem Apollonia em casamento, foi arrogante com o pai da moça, embora educado, não cogitando recusa por parte do pai de Apollonia.

Para ambos os personagens, medo e ameaça são necessárias para fazer com que as pessoas realizem o que desejam, sendo uma forma autoritária de controle, defendida por Maquiavel.

A Tabela 3, por sua vez, trata do Desejo por Status.

Tabela 3 – Avaliação do nível de Desejo por Status dos personagens

Subescala DESEJO POR STATUS			
Itens para Escala de Personalidade Maquiavélica	Don Vito Corleone	Michael Corleone (início)	Don Michael Corleone
1. Status é um bom sinal de sucesso na vida.	1	0	1
2. Acumular riqueza é uma meta importante pra mim.	1	0	1
3. Acho que a maioria das pessoas buscam o próprio sucesso.	0	0	0
4. A maioria das pessoas estão mais preocupadas com o “bem maior” que o sucesso pessoal.(R)	0	0	0
5. Uma grande vitória pessoal justifica qualquer coisa que eu tenha que fazer para atingi-la.	1	0	1
6. Pessoas bem sucedidas seguem vidas limpas e com moralidade.(R)	0	0	0
7. Desenvolvimento pessoal é um dos meus objetivos mais importantes.(R)	0	0	0
8. Quero ser rico e poderoso um dia.	0	0	0
9. Ser uma boa pessoa é mais importante do que ter dinheiro no banco. (R)	-1	-1	0
TOTAL DE DESEJO POR STATUS	2	-1	2
Índice	0,4	-0,2	0,4

Fonte: Dahling et al. (2009) e Dados da Pesquisa (2012). (R) = Item de pontuação reversa (negativa).

Ao contrário do que ocorre com o Desejo de Controle, não se observaram, no filme, muitos dos comportamentos indicados para identificar Desejo de Status. Ambos os personagens tiveram índice de Desejo de Status 0,4, de acordo com a escala maquiavelista.

No caso de Don Corleone, o personagem mostra-se totalmente consciente de seu status para a Família e para os outros Dons. No momento retratado pelo filme, Vito já está no poder há anos, pleno de status. Don Vito Corleone não sugere no filme que anseia mais do que um aumento de lucro habitual de sua instituição/Família (vide a recusa de entrar no narcotráfico, bem mais rentável, mas contra seus princípios). Michael, por ter sido criado em ambiente abastado, também não se mostra preocupado demais com dinheiro e status, mesmo quando vai tomando o lugar de Don. Em nenhum momento ele se mostra preocupado em provar de que é capaz de assumir a liderança da Família, por exemplo.

Ainda assim, ambos os personagens, no momento em que se encontram no poder, demonstram gostar. Observa-se, por exemplo, a importância que existe para Don Corleone em ser chamado de Padrinho, pois isso significava que ele era superior aos outros, embora também gostasse de ser amado. Um forte exemplo é o Padrinho dar o verso de sua mão para que os outros a beijem, em sinal de respeito, como um príncipe ou um papa. Ele simplesmente a estende, não pede que o beijem, ele assume que o farão. Ao final do filme, como a última cena icônica, vê-se Michael ser chamado de Don Michael e Padrinho, enquanto o mesmo estende sua mão, como seu pai, para que seus subordinados a beijem, em sinal de que abraçou totalmente seu alto status na sociedade.

Continuando a análise, a Tabela 4 demonstra a escala de Desconfiança dos Outros. Essa subescala é especialmente interessante no contexto do filme porque, ao mesmo tempo em que a Família Corleone possui uma relação política com as demais Famílias, com muita desconfiança principalmente depois do início da guerra entre as famílias, eles prezam muito a confiança entre si.

Pode-se observar, pela Tabela 4, que Don Vito Corleone possui um índice de desconfiança menor que o seu filho Michael ao fim do filme. Obviamente, existem diversos níveis de confiança, que é dada em sua totalidade a um pequeno número de pessoas. Uma pessoa com alto nível de confiança tanto por Don Vito como por Don Michael, por exemplo, é Tom Hagen, o único não italiano pertencente ao cerne da Família. Don Vito o tem como

consigliere (conselheiro) não oficial, já que não é italiano de sangue, mas Michael o oficializa como *consigliere* quando se torna Don. Isso demonstra que confiança é um fator altamente valorizado na Família e quem honra essa confiança é bem tratado e bem recompensado.

Tabela 4 – Avaliação do nível de Desconfiança dos Outros dos personagens

Subescala DESCONFIANÇA DOS OUTROS			
Itens para Escala de Personalidade Maquiavélica	Don Vito Corleone	Michael Corleone (início)	Don Michael Corleone
1. Não me envolvo emocionalmente com as pessoas com quem trabalho.	0	0	0
2. Consigo administrar a maneira como as pessoas me vêem.	1	0	1
3. Prefiro trabalhar sozinho do que contar com o desempenho alheio.	0	0	0
4. Pessoas só se motivam por ganhos pessoais.	0	0	0
5. Acho que a maioria das pessoas são essencialmente confiáveis (R)	0	0	0
6. Quando tenho uma ideia promissora, guardo comigo para evitar que os outros roubem-na de mim.	0	0	1
7. Gosto de dividir meus planos e ideias com outras pessoas. (R)	-1	0	-1
8. Não gosto de me unir a grupos porque não confio nos outros.	0	0	0
9. Membros de um time apunham uns aos outros o tempo todo para conseguir progredir.	1	1	1
10. Se mostrar qualquer fraqueza no trabalho, outras pessoas irão tirar vantagem disso.	1	0	1
11. Outras pessoas sempre estão planejando maneiras de tirar proveito da situação às minhas custas.	1	0	1
TOTAL DE DESCONFIANÇA NOS OUTROS	3	1	4
Índice	0,33	0,11	0,44

Fonte: Dahling et al. (2009) e Dados da Pesquisa (2012).

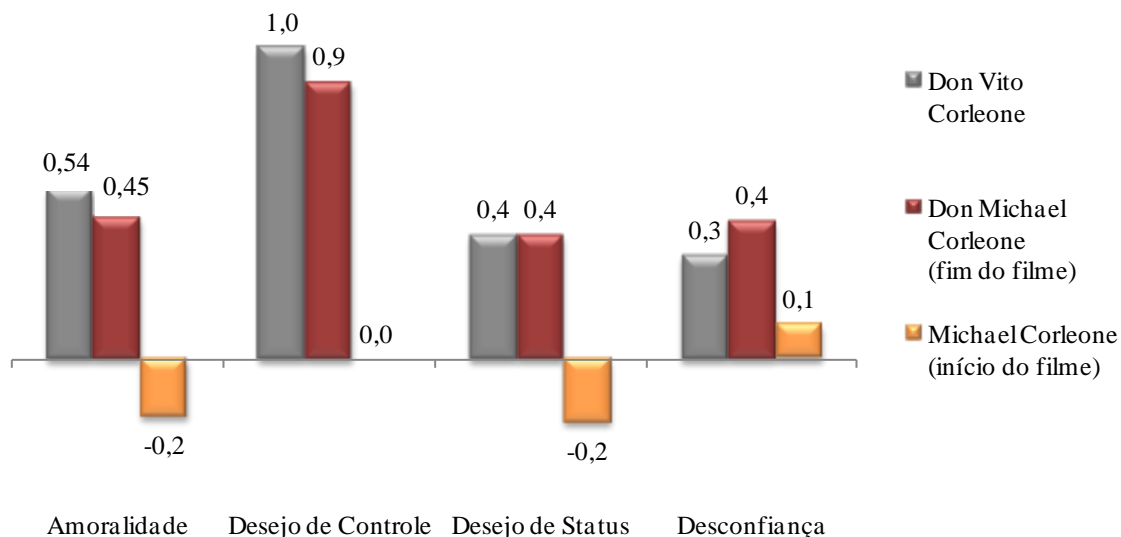
(R) = Item de pontuação reversa (negativa).

Por outro lado, a dinâmica da máfia, com seu alto índice de amoralidade, acaba por cultivar também grandes traidores até mesmo dentro da Família. Por exemplo, Carlo Rizzi, esposo da caçula Connie Corleone, traiu a Família porque Sonny o espancara por bater em sua irmã. Carlo colaborou com Don Barzini, família rival, para assassinar Sonny Corleone. Michael, quando assumiu a chefia da Família, deu ordem para que todos os traidores da Família, inclusive seu cunhado, fossem assassinados. Traição é comum, todos sabem que existe, mas, se descoberta, nunca é perdoada. Nesse sentido, essa subescala é dicotômica na Família Corleone.

Com a análise das Tabelas de subescalas, foi possível montar o Gráfico 1, onde se podem visualizar os índices de cada personagem, bem como a mudança de Michael Corleone no começo do filme para Don Michael Corleone (ao final do filme, quando passou a adotar aspectos da filosofia de Maquiavel).

Como se pode observar no Gráfico 1 a seguir, Don Vito Corleone segue mais a filosofia maquiavelista que seu filho, mesmo depois que o mesmo se torna Don, pois em duas escalas (Amoralidade e Desejo de controle), seu índice foi maior. Além disso, empatou com Michael no Desejo de Status e foi inferior ao filho no quesito Desconfiança. Don Michael possui índice maior de desconfiança devido ao modo como entrou na máfia, em um momento de tensão e com pouco tempo de adaptação. Além disso, seus perseguidores conseguiram achá-lo até mesmo quando estava refugiado na Sicília, onde foi traído e teve sua esposa Apollonia morta em seu lugar. Michael ascendeu em tempos de guerra, enquanto Don Corleone teve mais tempo para trabalhar seu lado político.

Gráfico 1 – Comparação entre os índices das subescalas Maquiavelistas por personagem



Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

Já com relação à Família em si, como uma instituição ou um principado, buscou-se observar características da mesma que condigam com os oito fatores descritos por Dahling et al. (2007) para identificar maquiavelismo em organizações.

O primeiro fator diz respeito à **liderança**, o que é levada com extrema seriedade na Família Corleone. Como se pode ver anteriormente, os líderes da Família (primeiro Vito, depois Michael) possuem fortes características maquiavelistas, o que, conseqüentemente, é repassado para a instituição. O **oportunismo econômico** é outro fator preponderante, que pode ser observado no modo de negócios da família, altamente antiético e ilícito, que prejudica a sociedade como um todo para que a Família se sustente. Por outro lado, a recusa de Don Vito a dar proteção ao narcotráfico, que dá muito mais lucro, demonstra que o oportunismo econômico não é o fator mais importante para ela. A recusa deu-se pelo fato de Don Vito considerar drogas um negócio muito degradante, que altera mais vidas inocentes e de maneira muito mais destruidora, inclusive, de crianças. A **deserção**, comumente observada dentre os servidores de pessoas maquiavelistas, foi constatada no filme, como o jovem Paulie e Carlo Rizzi. Por isso, existe uma forte intolerância com aqueles que traem a instituição. A pena sempre é de morte e não existe possibilidade de remissão. Esta é uma das características com maior influência de Maquiavel, de eliminação das ameaças. Com relação a **roubo**, esse fator não foi observado em nenhum momento durante o filme internamente na Família. As relações negativas com as outras Famílias nunca envolviam roubo, havendo, inclusive, um respeito territorialista de certo modo. Entretanto, relembra-se que uma das atividades da organização envolve fraude contra o governo, o que acaba sendo um tipo de roubo. Já com relação a **táticas de influência**, esse fator foi observado do começo ao fim do filme, por diversos personagens. O filme dá a entender que a máfia norte-americana lida bastante com política e, até mesmo, diplomacia. É comum ver grandes inimigos conversando calmamente em um restaurante ou mentiras serem ditas para que se consiga atingir o objetivo pretendido. Juntamente com deserção, táticas de influência são as características mais condizentes com Maquiavel. Além disso, observou-se que os membros da Família que estão diretamente envolvidos no negócio estão com ótimo nível de **satisfação com o trabalho**. Por outro lado, algumas mulheres (que se incomodam com a amoralidade da Família) e subordinados secundários insatisfeitos com os ganhos, como Carlos Rizzi (dos quais alguns chegam a trair a

Família) não estão. Nesse quesito, a Família contraria a proposição maquiavelista que indica uma relação inversa entre o nível de maquiavelismo e a satisfação do trabalho. O fator seguinte, **escolha ocupacional**, fala que as pessoas em uma organização maquiavelista visam sempre o cargo que lhe dê mais controle ou status. Isso não foi tão observado no filme, pois o mesmo dedica-se ao centro da Família. Finalmente, comportamentos de ajuda falam que pessoas e líderes com alto índice de maquiavelismo não conseguem lidar bem com aqueles de nível mais baixo. Pode-se observar bem essa discrepância ao comparar como Michael era tratado por outros membros da Família no começo do filme, como pelo seu irmão Sonny (com complacência ou de maneira jocosa) e como passou a ser tratado com respeito quando passou a seguir os passos do pai e elevar seu índice maquiavélico.

6 Considerações Finais

O filme “O Poderoso Chefão” mostra-se uma clara manifestação dos preceitos de Maquiavel propagados em sua obra “O Príncipe”. Diversos elementos chamam atenção para esse fator: uma instituição altamente centralizada, forte controle do líder e objetivos perseguidos não importa a que custo.

O estudo observacional por orientado pelo estudo de Dahling et al. (2007), por meio do qual se pode inferir um índice de escala maquiavélica dos personagens principais (Don Vitto e Michael Corleone). Vê-se que ambos, no momento em que estão no poder, possuem algum índice em todos os elementos pesquisados: amoralidade, desejo de controle, desejo de status e desconfiança, principalmente nos dois primeiros. Percebe-se que a lista de situações utilizada como *checklist* demonstrou com mais clareza a aplicação dos preceitos maquiavelísticos no filme. Ressalta-se que não foi deliberado, a película demonstra apenas a situação esperada entre líderes de organizações altamente centralizadoras. Considerando o fato que o filme é bastante aclamado até hoje e que as pessoas que o assistem sentem grande simpatia pelos personagens principais, cujas frases servem de referência em várias situações, pode-se afirmar que o filme é uma bem sucedida tradução dos valores maquiavélicos para a sociedade moderna, principalmente por romper com a imagem de que o líder maquiavelista sempre é de péssima índole, cruel e tirano.

A organização, chamada Família, também possui traços da filosofia de Maquiavel. Com isso, observa-se que a Família possui diversas características maquiavelistas, principalmente liderança, oportunismo econômico, deserção e táticas de influência, em grande parte devido ao caráter de seus líderes e componentes. O “principado” acaba por adquirir características do seu príncipe, então, nada mais natural do que o encontrado neste trabalho, nestas condições.

Finalmente, a película demonstra, sim, uma forte ferramenta de propagação da obra de Maquiavel, ajudando, inclusive, a quebrar paradigmas. Ressalta-se, entretanto, que um conhecimento prévio mínimo de Maquiavel faz com que essa visão seja bem mais clara.

Sugere-se, para outras pesquisas, uma validação da escala maquiavélica antes de aplica-la em outro estudo observacional, até mesmo adaptando-a para este tipo de pesquisa.

Referências

- ARISTÓTELES. *Política*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1988.
- BACHRACH, P.; BARATZ, M. S. Decisions and nondecisions: an analytical framework. *American Political Science Review*, v. 57, p.641-651, 1963.
- BAUMAN, Z. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BIGNOTTO, N. *Maquiavel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

- BOBBIO, N. *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. Métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DAHL, R. The concept of power. *Behavioral Science*, v. 2, 1957.
- DAHLING, J. J., WHITAKER, B. G., LEVY, P. E. The Development and Validation of a New Machiavellianism Scale. *Journal of Management*, v.35, n.2, p. 219-257, abr. de 2009.
- FERNANDES, S. L. Cinema projetando filosofia: Análises filosóficas por meio do cinema. *Revista das Faculdades Santa Cruz*, v. 6, n. 2, p.105-114, Curitiba, jul./dez. 2007.
- G1 POP & ART. 'O Poderoso Chefão' completa 40 anos de influência no cinema. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/03/o-poderoso-chefao-completa-40-anos-de-influencia-no-cinema.html>>. Acesso em: 02 de abr. de 2012.
- HARDY, C.; CLEGG, S.R. Alguns ousam chamá-lo de poder. CLEGG, S.R.; HARDY, C.; HOBBS, Thomas. *Leviatã ou a matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LIMONGI-FRANÇA, A. C.; ARELLANO, E. B. Liderança, poder e comportamento organizacional. In: *As pessoas na organização*. São Paulo: Gente, 2007.
- LIVRARIA FOLHA. *O Poderoso Chefão: The Coppola Restoration (DVD)*. Disponível em: <<http://livraria.folha.com.br/catalogo/1149848/o-poderoso-chefao-the-coppola-restoration>>. Acesso em: 09 de abr. de 2012.
- LUKES, S. *Power: a radical review*. Londres: Macmillan, 1974.
- MANN, M. *The sources of social power A history of power from the beginning to A.D.1760*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- _____. *Vida e Obra – Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 2000.
- MATOS, F. R. N.; LIMA, A. C.; GIESBRECHT, C. M. Estudo observacional das relações de poder no filme O Óleo de Lorenzo. *Cadernos EBAPE*, v. 9, n. 2, art. 11, Rio de Janeiro, jun. 2011.
- MATOS, F. R. N. et al. Estudo observacional do comportamento empreendedor de Irineu Evangelista de Sousa da ótica de Fillion no filme “Mauá – o Imperador e o Rei”. *Cadernos EBAPE*, v. 10, n. 1, art. 11, Rio de Janeiro, mar. 2012.
- NORD, W.R. *Handbook de Estudos Organizacionais*. v.2. São Paulo: Atlas, 1998.
- O PODEROSO CHEFÃO. Produção de Francis Ford Coppola e Mário Puzo: Paramount Pictures, 1972. 1 DVD (177 min.): DVD. Legend. Port.
- PEDRON, F. Q. Maquiavel: a desconstrução de um mito e a invenção da Ciência Política e da Teoria do Estado. *Mundo Jurídico*, mai. de 2006. Disponível em: http://www.mundojuridico.adv.br/sis_artigos/artigos.asp?codigo=801. Acesso em: 24 de abr. de 2012.
- PINZANI, A. *Maquiavel e o Príncipe*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- WEFFORT, F. *Formação do pensamento político brasileiro: Idéias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006.